



RESIDÊNCIAS DOMUS VIDA

“ADORO O MAR”

NASCEU NOS AÇORES MAS VIVE NA SUIÇA HÁ MAIS DE 40 ANOS.

Os verões dos últimos anos passa-os a ver o mar da janela do seu quarto nas residências Domus Vida, na Parede

FOTOS: LUÍS PITEIRA

TEM UNS OLHOS AZUIS enormes e um sorriso encantador e nem a esclerose múltipla que lhe diagnosticaram há 40 anos e a obriga a deslocar-se de andarilho, lhe retira o brilho do olhar. Apaixonada pela vida, Margarida Archinard, de 70 anos, já não abdica dos três meses de férias que passa

todos os anos nas residências Domus Vida, na Parede. “Adoro ver o mar da minha janela e da minha cama - é uma experiência que não me canso de repetir todos os anos”, afirma a licenciada em Matemática que se doutorou em Astronomia em Paris nos anos 60. A simpatia de Margarida é tão es-

pontânea que não passa despercebida a ninguém. Calorosa, disponível, agradável, começa por recordar o tempo em que saiu de Ponta Delgada para se licenciar em Matemática em Lisboa. “Depois fui fazer o doutoramento em Astronomia a Paris e foi lá que conheci o meu marido que é suíço

Vivi cada momento a 200 por cento enquanto pude.
Tudo o que podia fazer, fiz. Aproveitei a vida ao máximo

e estava em Paris a fazer um doutoramento em Matemática. Casámo-nos em 1968, vivemos na Saboia uns anos e só depois é que fomos viver definitivamente para a Suíça.”

Foi lá que lhe nasceram os dois filhos, um rapaz de 39 anos e uma rapariga de 37 que, com indistigável pena, não lhe deram netos. “Ainda tenho esperança que eles arranjem bons parceiros para me darem netos.

Temos de viver sempre de esperança, não é?”, questiona com uma ponta de tristeza sem perder o sorriso doce que a caracteriza.

Ao longo da vida Margarida nunca cortou o elo que a liga a Portugal. Levava os filhos nas férias aos Açores e ao Algarve e muitas vezes quando o marido ia para a montanha e os filhos tinham aulas, refugiava-se na sua casa do sul do País para descansar. “Era o meu refúgio”, ao contrário dos Açores onde é festa todos os dias: “As pessoas são encantadoras e propõem-me muitos divertimentos, enquanto no Algarve, nado, como e durmo - o melhor para descansar”, afirma para acrescentar: “Os meus filhos têm sorte porque, com o pai suíço, têm acesso às mais belas montanhas do mundo, e, com a mãe portuguesa, às mais espectaculares praias da Europa.”

Viajada, Margarida Archinard reconhece que essa é uma necessidade dos açoreanos. Ainda estudava em Lisboa e já viajava pela Alemanha e pela Áustria. Depois, a vida profissional,

foi directora do Museu da História das Ciências, em Genève, levou-a a todo o mundo. Agora a esclerose limita-lhe os movimentos e já não viaja como gostaria, mas não se queixa. “Vivi cada momento a 200 por cento enquanto pude - tudo o que podia fazer, fiz, aproveitei a vida ao máximo”

Até que há quatro anos descobriu a casa que a acolhe em Portugal os três meses de Verão. O marido da minha irmã é engenheiro e foi ele que me falou das residências porque esteve ligado à sua construção. A primeira que conheci foi a da Junqueira e gostei muito, é um sítio maravilhoso onde se pode caminhar à beira-rio. Mas nesta vejo o mar da minha cama. Para uma açoreana não há nada melhor”, desabafa feliz.

VIRTUDE MÁXIMA

Referindo-se ao conforto das instalações, Margarida Archinard reconhece que as estruturas da casa e a excelência da qualidade da arquitectura são ideais para amparar pessoas com deficiência. “Aqui há uma estrutura eficaz”, que considera ser o futuro da nossa sociedade. E faz questão de referir o que aprendeu nas suas longas estadas em Portugal: “Que a paciência é a virtude máxima; que a idade nem sempre é sinónimo de fragilidade. Há pessoas com mais de 90 anos que estão melhor do que eu, e que só a falta de saúde estraga a vida das pessoas”, e também aprendeu que a idade “só

pode ajudar na sabedoria.”

Dentro de poucos dias, Margarida deixa novamente Portugal para regressar à Suíça. “O meu marido vem-me trazer e buscar. Fica cá uns dias mas depois volta porque o que ele gosta mesmo é da montanha. É um apaixonado pelo montanhismo e leva o ano inteiro a preparar-se para isso.” Para o ano volta. “Habituei-me a vir e vou continuar a voltar até poder. “Já conheço aqui pessoas encantadoras”, e reconhece que essa característica faz parte da maneira de ser portuguesa. Uma característica que lhe assenta como uma luva! ■

Margarida Achinard: “Aqui há uma estrutura eficaz”

